

BRASÍLIA

Como se vive numa cidade grande, de 21 anos

Entre os brasilienses existem basicamente dois pontos de vista em relação à cidade que habitam —: uns para cá vieram premidos pela necessidade de manter o emprego público de muitos anos, ou acompanhando parentes e familiares, ou ainda aceitando uma oportunidade que garantisse ascensão social. Estes rejeitam a cidade em todos os aspectos, sobretudo espaciais, dada a referência urbana anterior. Para eles, Brasília um parêntese que se fechará um dia, quando retornarem à terra natal, quem sabe aposentados ou em melhor situação financeira. E sobretudo dessas pessoas que partem os rótulos de cidade desumana, fria, sem calor e afetividade.

De outro lado, existe a espontânea aceitação daqueles que a adotaram como segunda terra natal, aqui encontrando realização e sucesso, ou pelo menos, condições de vida melhor que aquelas deixadas no lugar de origem. Para esses Brasília é a terra prometida, havendo mesmo os que levam ao pé da letra as profecias de D. Bosco, acreditando no surgimento de uma civilização rica e harmoniosa no Planalto Central.

De qualquer forma, tanto os que sentem exilados com os que se sentem em casa estão sujeitos a formas de vida um tanto diferenciadas das outras cidades. Brasília não é irreal, mas como disse o próprio Niemeyer, nunca se viu coisa igual.

Hoje contando com 21 anos de história e mais de 1 milhão e duzentos mil habitantes, Brasília já não é um grande acampamento coberto de poeira, nem uma cidade precária saída do velho oeste.

Os seus habitantes já não são unicamente funcionários públicos que compõem um bloco de pessoas uniformes, acomodadas às benesses do poder público. Hoje existe um setor de serviços bastante desenvolvido, um comércio dinâmico e algumas indústrias essenciais.

Os funcionários são ainda majoritários, e não constituem hoje uma camada tão privilegiada como em outros tempos. A moradia própria, símbolo de estabilidade que para cá trouxe muitos cariocas, já não é uma garantia de todos os órgãos. Na verdade, há muito que o Governo Federal só arca com as moradias dos funcionários transferidos, além de mantê-la para o alto escalão de burocratas e técnicos de altos salários. Entre estas, estão as mansões do Lago Sul, que geraram as recentes discussões sobre "mordomias".

Mas apesar disso, a cidade continua sendo uma das que permitem maior mobilidade social, talvez em face de um menor consumismo e das facilidades decorrentes da proximidade do poder. De fato a classe média que aqui habita não pode prescindir de um

carro próprio, dos eletrodomésticos que surgem no mercado e da casa própria. E os habitam as cidades.

Em termos de consumo, o comércio também já não é insuficiente. Não é mais preciso comprar no Rio e em São Paulo, pois aqui encontram-se disponíveis quase todos os bens de consumo que fazem a delícia da classe média —: lojas e confecções finas, etiquetas de luxo e cabeleireiros de nome. Artigos importados, lojas de arte e demais supérfluos já não faltam. Até mesmo bens culturais não são tão escassos como antigamente —: a cidade tem dois jornais, duas revistas, 10 livrarias, 15 cinemas e 6 teatros.

COMPORTAMENTO

Em termos de comportamento, o brasiliense não é também um conservador, apesar da proximidade de Goiás e Minas, estados conservadores das tradições e preconceitos provincianos.

Para o sociólogo Gentil Martins Dias, da Universidade de Brasília, "em Brasília as pessoas vivem uma grande ilusão de liberdade. Em vista de para cá virem sem trazer toda a família, o indivíduo se liberta de alguns mecanismos de controle, passando a assumir comportamentos antes não permitidos". Um exemplo disso é o alto índice de desquites da cidade, considerado o maior do país. Também entre a juventude, encontramos hábitos muito similares aos jovens de Rio e São Paulo, que vão desde o vestir, falar ao uso de tóxicos. O homossexualismo também tem seus canais de expressão, como a boite Aquarius, no Edifício Venâncio. E a exemplo das grandes cidades, vez por outra o noticiário policial levanta casos de violência e crime entre policiais e travestis, bandidos e traficantes.

E enquanto os adultos trabalham e levam a vida como a cidade permite, as crianças têm direito a imensos espaços livres, com tranquilidade não permitida por outras capitais. Os jovens que aqui nasceram ou para cá vieram crianças aprenderam ou descobriram a forma própria de viver a cidade, e para eles não fazem faltas esquinas ou ruas de pedestres.

E independentemente das discussões sobre a cidade, para eles não existe outra, e deles é futuro a maioridade de Brasília.

Maria Amélia Santos, 23 anos, veio para cá com dois anos de idade, não recordando do tempo que viveu na Bahia. Voltando a Brasília depois de dois anos no Rio, ela comenta:

— Para a gente que cresceu em Brasília, é impossível se acostumar com ruas estreitas e engarrafamentos. O tempo que vivi no Rio foi uma verdadeira neurose urbana: não me acostumei com as pessoas se acotovelando nos sinais, com a falta do horizonte aberto de Brasília, com as filas em

todos os lugares. E além de tudo, lugar nenhum é como aqui, que a gente tem aresso a todas as pessoas, conhece gente de todos os níveis".

LAZER

Entre populares, sociólogo e urbanistas, a carência de lazer e diversão em Brasília e Cidades-Satélites foi indicada unanimemente como um dos problemas mais prementes. A existência de áreas de recreação é escassa e quando existem são de difícil acesso, dada a questão do transporte e distância.

Um exemplo é o Parque Rogério Pithon Farias, situado na zona central oeste do Plano Piloto. Entre a Asa Sul e o Setor Gráfico, com uma área de 4 milhões de m², o que equivale à área de 70 superquadras. O Parque da Cidade foi idealizado por Lúcio Costa e Oscar Niemeyer, e teve o tratamento paisagístico de Roberto Burle Marx. Inaugurado em 1978 pelo então Governador Elmo Serejo Farias, recebeu o nome do filho deste, falecido em acidente de automóvel. Tal designação foi considerada arbitrária na época, em vista do caráter familiar da homenagem, gerando protesto de algumas instituições, entre estudantes, arquitetos e moradores.

Como outras obras de Brasília, o parque não foge ao caráter monumental e grandioso —: possui 12 estacionamento, 50 churrasqueiras, lago artificial, fontes luminosas e diversões infantis. Sua principal atração porém é a piscina de ondas artificiais, que são ativadas durante 10 segundos, de meia em meia hora.

As quadras de esporte, que mais atração exercem sobre os grupos que se dedicam à prática de alguma modalidade, principalmente futebol de salão, são pagas, bem como o uso da piscina. Assim as camadas de baixa renda já ficam impedidas de fazer uso dele, uma vez que já dependeriam de gastar tempo e dinheiro com ônibus, além dos ingressos.

Fazendo-se uma visita ao parque num sábado ou domingo, vamos encontrar diversas famílias ao redor das churrasqueiras, numa confraternização ritual. Todavia, pode-se observar que são pessoas de classe média estável, que possuem carro e poder aquisitivo para promover um dia de relaxamento e prazer à sombra dos pinheiros. O mesmo ocorre nas demais atividades, tais como piscina e esportes: as pessoas que os frequentam são geralmente do Plano Piloto e no máximo Cruzeiro ou Guará. O trabalhador de cidades-satélites mais distantes dificilmente gozará de um dia de distensionamento, e lazer, tão vitais à reposição das energias.

O mesmo ocorre com o Parque Nacional de Brasília, denominado



popularmente de Água Mineral. Ali, em meio a uma área verde, existem duas piscinas de água corrente. A piscina "velha" é abastecida com água de nascente natural enquanto a "nova" aproveita água canalizada. O parque é administrado pelo IBDF e cobra taxas de 20 e 50 cruzeiros, respectivamente.

Situado próximo ao setor militar urbano, portanto em área fora do contexto de circulação viária, o parque recebe nos dias de sábado e domingo mais de 1000 pessoas. Todavia, o acesso se mantém difícil, pois os que não têm carro, dependem de uma única linha de ônibus, que sai da estação rodoviária antiga.

Afora essas opções de caráter público, existem no DF mais de trinta clubes privados, a maioria na orla do lago sul, todos porém voltados para a elite.

Sociólogos e estudiosos de questões urbanas afirmam que o lazer é fator es-

sencial à vida urbana em nossas sociedades industriais, pois as tensões acumuladas encontram vazão, o hábito de se desnudar libera as repressões, gerando comportamentos mais liberalizados.

Julio Cesar Tavares, mestrando em Sociologia pela Universidade de Brasília aguarda aprovação da Fundação Ford para desenvolver um projeto de pesquisa intitulado "Lazer e Violência no Distrito Federal".

Para ele, as opções existentes foram determinadas no processo de concepção da cidade, de forma que a população não participou e portanto não foi levada em conta nas alternativas propostas, tais como clubes de vizinhança, parques de superquadras etc.

"Dessa maneira, o lazer está hoje confinado a espaços acessíveis a uma pequena minoria privilegiada. De forma que a carência não é de espaços físicos, mas sim de participação e um planejamento urbano que efetivamente

reflita os anseios da população, de forma a proporcionar condições de se realizarem os desejos e aumentar a quantidade de vida vivida".

Comprovando essa ideia, cita exemplos de moradores que reivindicaram ao GDF, através de abaixo-assinados, a construção de quadras de esporte em suas quadras e não foram atendidos, sob a alegação de falta de recursos, ao passo que são gastos milhões de cruzeiros na manutenção de um parque, como Pithon, que quase não é usado pela população.

Em sua pesquisa, Julio Tavares procurará unir a influência da carência de lazer no aumento da violência urbana. "Acredito que a inexistência de espaços em que a população se recupere dos desgastes físicos e mentais do trabalho tenham um peso significativo na ampliação do índice de violência no DF. E claro que não é o único fator determinante, mas deve ter um peso significativo. Basta ver que os criminosos que aqui surgem são jovens insatisfeitos, de origem pobre e residentes nas áreas mais comprimidas. O fator educação está também associado."

Para se viver em Brasília com razoável nível de conforto é necessária uma renda mínima de 50 mil cruzeiros. O custo de vida é um dos mais altos do país, vigorando no Distrito Federal o mesmo salário-mínimo do Rio de Janeiro e São Paulo.

Na composição deste custo de vida, só os transportes entram com 30%, segundo estudos realizados pela Associação dos Sociólogos, por ocasião do último aumento das tarifas. Esse percentual que o trabalhador gasta de seu salário em transportes é confirmado pelo Secretário de Serviços Públicos, José Carlos..., que o calcula em torno de 25%. Assim, se o salário mínimo é calculado levando-se em conta apenas 6% para transporte, um salário mínimo real que computasse os 30% deveria ultrapassar a casa de 8 mil cruzeiros, enquanto hoje é 5.700,00.

Enquanto isso, metade do salário é também consumida em aluguel, no caso dos que não possuem casa própria. No Plano Piloto, um apartamento de quarto e sala não custa menos de Cr\$ 20 mil cruzeiros, o que equivale ao custo do mesmo imóvel na zona sul do Rio de Janeiro. Uma casa na Asa Sul ou norte, nas quadras 700, têm aluguéis que vão de 50 a 70 mil cruzeiros. No lago, existem mansões alugadas a Cr\$ 120 mil cruzeiros e lotes que chegam a valer 4 milhões, fazendo páreo com lotes na Barra da Tijuca, no Rio. Nas cidades-satélites mais pobres, como Taguatinga Norte ou Gama, uma casa ou barraco de três cômodos custa de 6 a 10 mil cruzeiros o aluguel, o que leva quase todo o salário das populações que ganham menos de Cr\$ 15.000,00.